

FOUCAULT E O ESTUDO DO DISCURSO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

Edgley Freire Tavares¹

O domínio das coisas ditas é o que se chama arquivo; o papel da arqueologia é analisá-lo.

(FOUCAULT. *A arqueologia do saber*)

RESUMO: Este artigo busca inserir o pensamento de Michel Foucault no desenvolvimento dos estudos em linguagem, notadamente no que diz respeito as suas contribuições para uma teoria do discurso. Na perspectiva da pesquisa em lingüística aplicada, objetiva-se evidenciar a contribuição foucaultiana para se analisar o discurso enquanto prática e acontecimento que produz relações de saber, poder e práticas sociais na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística aplicada. Discurso. Contribuição foucaultiana.

ABSTRACT: *This paper inserts Michel Foucault' thought in the development of the studies in language, especially their contributions for the theory of discourse. In the perspective of the research in applied linguistic, the aim is to evidence their theoretical reference contribution to researches which intend to analyze discourses while practice and event that produces types of knowing, power e social practices in the actuality.*

KEY-WORDS: *Applied linguistic. Discourse. Foucault' theoretical reference.*

A discussão apresentada aqui tem origem na minha atual pesquisa de mestrado, sob o título *Permanências e redescritões da masculinidade: dos discursos das revistas masculinas às práticas discursivas em sala de aula*, a partir da qual apresento este recorte da fundamentação teórica baseada no referencial de Michel Foucault. O objetivo deste artigo é apresentar contribuições de Foucault para o estudo do discurso tendo como orientação o campo da pesquisa em lingüística aplicada. Ao final do texto, apresento breve análise repercutindo sobre a materialidade discursiva composta de duas capas de revista, da publicação masculina *Men's Health*. Com base no referencial teórico de Foucault, procuro ilustrar de que modo o lingüista aplicado pode orientar-se teórica e metodologicamente para descrever e analisar discursos tendo

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

em vista o poder constitutivo do discurso em produzir efeitos de sentido e relações de poder, saber e subjetividade.

A lingüística aplicada ou um campo de múltiplas (inter)faces

Há espaço para reinos no domínio do saber? Com esta indagação, Celani (1998) conclui seu texto sobre as direções que a pesquisa em LA de postura transdisciplinar vem tomando no Brasil. Esta pesquisadora e outros autores que atuam no campo transdisciplinar em linguagem apontam os rumos que a pesquisa vem tomando, discussão que precede a problemática do discurso em Foucault.

Moita Lopes (2006) vem caracterizando as frentes de pesquisa em LA interessadas em problematizar práticas sociais a partir da centralidade das práticas discursivas. Para este pesquisador da UFRJ, a pesquisa interessada em tópicos como identidade social e modos de subjetivação a partir da linguagem ainda causa estranheza. Em outras palavras, o estudo do discurso a partir de contribuições de outras áreas causa ainda um certo torpor, principalmente “para aqueles que atuam no campo dos estudos lingüísticos sem familiaridade com muito da discussão nas humanidades e nas ciências sociais, onde a pesquisa em LA está situada” (MOITA LOPES, 2006, p.17). Muitos ainda questionam o estatuto das análises que tomam por objeto de teorizações práticas discursivas em relação às práticas sociais.

Veremos que com Foucault o estudo da linguagem enquanto dimensão discursiva torna-se possível e produtivo justamente pondo em problematização as práticas discursivas e as não-discursivas. Isso implica reconhecer a indissociabilidade entre linguagem e a dimensão do extralingüístico, que no referencial foucaultiano diz respeito ao institucional, o cultural, o social, o político, o econômico. Entre os autores que conceituam o campo da pesquisa em LA, é possível apontar uma abordagem foucaultiana nas palavras de Signorini (1998). Segundo ela a pesquisa em lingüística aplicada produz conhecimento tanto a partir de uma visão estruturalista *stricto sensu* com o conceito genérico e abstrato de língua, quanto a partir de uma visão de linguagem como prática social, de natureza discursiva, proposta pelos estudos em linguagem de viés transdisciplinar.

É neste segundo grupo, as frentes de pesquisa apoiadas teórica e metodologicamente numa postura transdisciplinar, que podemos situar as contribuições de Foucault para o estudo do discurso. Para nos aproximar do que Foucault tem a dizer sobre o discurso e tirar disso lições para pesquisa, é necessário estabelecer diálogos também com a tradição lingüística, para lançar uma desconstrução produtiva da soberania do significante. Não é a noção de língua como estrutura abstrata o que mais interessa a uma análise do discurso em Foucault, é antes, e acima de tudo, a relação com a historicidade e os efeitos de sentido que a materialidade discursiva pode provocar em nós pesquisadores do discurso.

De tal forma, a produção de conhecimento na área dos estudos em linguagem não pode ficar deslocada do que vem se discutindo em outras áreas. O fator da interdisciplinaridade impõe alguns desafios ao lingüista aplicado. Tal como ocorre em meu objeto de estudos, a construção discursiva da masculinidade em espaço midiático e escolar, é imprescindível levar em conta as transformações em curso na contemporaneidade. Analisar de que modo a mídia produz sentidos sobre o masculino e compreender de que forma essa discursivização nos faz problematizar os modos de subjetivação hoje, não pode privar-se de dar voz aos sujeitos sociais em suas práticas. Aqui o pensamento de perspectiva que Foucault nos deixou funciona intensamente, alerta sobre as junções entre as práticas discursivas e os tipos de saber e as correlações de força que nossas análises podem evidenciar. Na atual agenda de pesquisa em LA (MOITA LOPES, 2006), a questão do sujeito é um dos principais tópicos a partir do qual se busca evidenciar a centralidade da linguagem para inteligibilidade do mundo em que vivemos, ou seja, para que o lingüista aplicado possa mostrar o poder constitutivo do discurso para interpretarmos quem somos ou quem estamos nos tornando na atualidade. Decorre dessa dinâmica a postura com a qual trabalha o pesquisador em nossa área, que aceita o desafio de ter que atravessar outros campos do conhecimento e dialogar com teorias e metodologias outras, além das teorias do signo, do discurso e do texto que compõem o campo amplo das ciências sociais e das humanidades. Seria mais ou menos dizer, dialogar é preciso, já que é evidente problematizar e interpretar nossas questões de pesquisa com base apenas em teorias lingüísticas.

A imagem que temos é a do lingüista aplicado vindo a si próprio em um campo transdisciplinar articulador de múltiplos domínios do saber, em seu ateliê de trabalho onde

dispostas estão várias ferramentas, pincéis e tonalidades de toda espécie com as quais é possível esboçar um retrato, mesmo que provisório, do social. A lição daqueles que teorizam o campo de pesquisa é clara: aos que atual no campo aplicado da lingüística é normal dar-se conta de que é preciso “buscar explicações para os fenômenos que investigam em outros domínios do saber que não os da linguagem stricto sensu” (CELANI, 1998, p. 131).

Na pesquisa que desenvolvo no PPgEL/UFRN, venho buscando situar o estudo do discurso no âmbito da pesquisa em lingüística a partir de um diagrama complexo, fazendo pontes com a análise do discurso de linha francesa, com a lingüística teórica, com os estudos de gênero e de sexualidade, com os estudos culturais da mídia, com a filosofia, a sociologia e pesquisas diversas no campo da mídia e da escola. Cada vez mais, o pensamento de Foucault me parece uma perspectiva teórica e metodológica apropriada para enxergar todas essas áreas de uma postura historicista crítica. O discurso em Foucault é pensado tendo em vista a problematização sobre quem somos na atualidade, numa busca por descrever os saberes e relações de poder que funcionam nos espaços discursivos em que atuamos e os sentidos que tais práticas discursivas produzem.

A sensação estranha para alguns de estar entrando em domínios outros, própria da postura transdisciplinar da LA, não perde de vista o fio condutor que é a linguagem, entendida ao mesmo tempo como “condição para a construção do mundo social e caminho para encontrar soluções para compreendê-lo” (MOITA LOPES, 1994, p.336). Há outras implicações fundamentais a partir dessas orientações que, de um modo geral, dizem respeito à necessidade de teorizar a linguagem em relação às práticas sociais. Pelo menos duas dessas implicações do estatuto transdisciplinar nos estudos em linguagem merecem um comentário maior, sendo a primeira a redefinição do objeto de pesquisa em LA.

No seu texto já bastante clássico, Signorini (1998) indica que no atual cenário da LA a pesquisa tem se desdobrado tanto a partir da noção genérica e abstrata de língua preconizada pela lingüística teórica, como a partir da idéia de linguagem como prática social, de natureza discursiva. Essa visada é muito importante por indicar a necessidade de pensar as práticas discursivas em contextos específicos “a partir de um conceito múltiplo não unificado, produzido por percursos transdisciplinares de reflexão” (SIGNORINI, 1998, p. 102). Nesse ponto, o que

está em jogo é entender o estudo do discurso para além da noção genérica e abstrata de língua, como estrutura auto-suficiente, primado do significante sobre o significado, o que já nos conduz a tentar situar a teoria do discurso em Foucault no decurso dos estudos lingüísticos.

A própria tendência nos trabalhos desenvolvidos por algumas frentes de pesquisa em lingüística aplicada possibilita encontrar em Foucault um referencial teórico para pensar o discurso e a questão do sujeito. Moita Lopes (1996) já alertava para o fato de que o trabalho do lingüista aplicado dever se estender para outros domínios ou instâncias institucionais, sociais e culturais, abrindo espaço na área para que a investigação primasse pela relação entre as práticas reais de uso da linguagem e as práticas sociais dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Tal postura vem sendo importante para a LA por possibilitar a discussão acadêmica na área da linguagem de tópicos como identidade e modos de subjetivação. Isso permite ao lingüista aplicado avançar para espaços discursivos como a mídia para problematizar que discursos e que sentidos esta ordem de discurso produz e que posições de sujeito estão sendo constituídas. Como havíamos chamado atenção acima, o interessante é dar voz aos sujeitos que vivem as práticas sociais, recurso metodológico que permite refletir a discursividade das práticas midiáticas e confrontá-las com as vozes dos sujeitos, em espaços como a escola ou a própria família.

Desta forma, localizo a contribuição foucaultiana para uma teorização em torno do discurso em LA a partir da própria configuração do nosso campo de pesquisa. Antes de tentar entender o discurso em Foucault, cabe buscar situar o pensamento foucaultiano no desenvolvimento dos estudos em linguagem.

Foucault e os estudos em linguagem

A língua só é criada com vistas ao discurso.
(SAUSSURE. *As palavras sob as palavras*)

Continuar a discussão situando Foucault e o estudo do discurso nos desdobramentos dos estudos lingüísticos dá o efeito de retorno, tendo em vista já termos situado a pesquisa em LA justamente a partir da crítica ao modelo disciplinar de referência, proposto pela tradição da lingüística teórica. Ora, o retorno é justificado, principalmente pela necessidade de situar a partir

da tradição saussuriana uma virada lingüística e pragmática, lugar em que podemos situar Foucault nos estudos em linguagem.

Recuperada de Starobinski (1975), a epígrafe acima é parte de uma nota avulsa escrita por Saussure, na qual surgem a idéia de linguagem como uso e o reconhecimento da problemática do discurso. Ao lermos o restante da nota, encontramos Saussure dando como árdua a tarefa de definir o discurso. Segundo ele coloca, por mais que seja evidente a linguagem como uso, não é tão simples definir o que separa o discurso da língua ou o que num dado momento nos permita dizer que a língua entra em ação como discurso.

Não é o próprio deste trabalho vencer essa discussão, mas evidentemente é preciso reconhecer que o posicionamento de Saussure era adequado ao solo epistemológico no qual uma ciência da linguagem pode tornar-se um saber. Tratava-se de um estruturalismo lingüístico no qual a língua pôde ser analisada como sistema, configuração epistêmica que implicou na escolha do discurso como residual, o evitável naquele modelo de cientificidade. Compreender certas rupturas e descontinuidades e localizar o estudo do discurso e as contribuições de Foucault para a pesquisa em LA requer interrogarmos os estudos em linguagem ao nível arqueológico.

Nesse esforço empenhou-se o próprio Foucault (2007a), em *As palavras e as coisas*, e seguir a leitura deste livro é agora imprescindível. Da reflexão desta obra nos importa a questão da linguagem e o modo como Saussure e a lingüística teórica são colocados como precursores de uma teoria moderna do signo lingüístico e da própria problemática em torno da linguagem. O que uma preocupação científica em torno da linguagem realizou é algo imenso para a nossa episteme moderna: possibilitou o advento da nossa ordem de saber e o distanciamento em relação a uma episteme clássica. A problemática da linguagem marcou a transição de uma episteme clássica dada a uma metafísica da representação e do mesmo para uma configuração de saber em que as empirias do ser que vive, trabalha e fala instaura as ciências humanas desejosas por conhecer o ser do homem.

Entender o modo de funcionamento do discurso para Foucault não pode prescindir de entender o próprio ser da linguagem e seus limites. É muito provavelmente esta a reflexão proposta por Ducrot (1981, p. 26) ao lembrar dos limites do pensamento de uma época na qual “os filólogos concordam em definir a língua como a expressão do pensamento”. Transposta essa

época da representação, em que a linguagem não era propriamente uma questão, surge uma ordem de saber na qual o homem foi dado a conhecer justamente pelo sujeito do conhecimento. Para Foucault (2007a), isso marca o solo epistêmico que ainda é o nosso, no qual a linguagem tornou-se objeto para a literatura, a exegese e para os próprios filólogos preocupados em formalizar teórica e metodologicamente a linguagem humana, dando a reconhecer que “a linguagem deve despojar-se de seu conteúdo concreto e só deixar aparecer as formas universais válidas do discurso” (FOUCAULT, 2007a, p.419). Nisso, lembremos das críticas com as quais iniciamos o texto mostrando o campo da pesquisa em LA que, grosso modo, aludem aos limites da lingüística teórica para pensar a complexidade do discurso em relação às práticas sociais.

Um dos pontos fundamentais da tese apresentada em *As palavras e as coisas* é justamente fazer pensar a relação entre o ser da linguagem e a própria finitude do homem. Uma ontologia do ser que fala instaurada pela lingüística foi algo sem dúvida fundamental, mas tornou a relação entre o sujeito e o discurso algo abstrato, determinada numa positividade que fez evidenciar a própria finitude e limite do homem em relação à linguagem. É disso que fala Foucault (2007a) quando diz que a lingüística saussuriana e as outras ciências do homem marcam o fim da metafísica da representação e do infinito, fazendo surgir na modernidade uma ordem de saber na qual a análise não é mais centrada na representação, no jogo do mesmo, indo alojar-se no próprio homem em sua finitude de ser que vive, trabalha e que fala. No caso do estruturalismo lingüístico, esse ser da linguagem fora constituído “nas dobras de uma linguagem, tão mais velha que ele não pode dominar-lhe as significações” (FOUCAULT, 2007a, p.438). O ideal de cientificidade alcançado por uma teoria geral da língua passa por várias rupturas nos estudos em linguagem, o que tem implicações importantes, como já vimos, para o desenvolvimento de uma lingüística aplicada transdisciplinar.

Em todo caso, devemos à busca de um saber sobre o modo de ser do homem o retorno à linguagem, como uma problemática na ordem do saber. É deste ponto que podemos situar a crítica da LA aos modelos de cientificidade e aos estudos disciplinares de referência. É deste ponto também que encontramos em Foucault uma problematização do discurso que pode ser vertida para a pesquisa em LA que tem como objeto de teorizações uma noção de língua como prática social, de natureza discursiva.

A inserção de Foucault na tradição dos estudos em linguagem deve ser feita buscando compreender sua perspectiva teórico e metodológica como algo que redimensiona o modo como podemos teorizar o discurso. O diálogo com a lingüística é ponto primordial de qualquer tentativa de teorização do discurso. Nesse ponto, é explícita a nossa referência ao posicionamento de Araújo (2004, p. 28): “a análise de Saussure é o ponto obrigatório na discussão da relação dos signos com o chamado fator extralingüístico”. Veremos adiante justamente que o discurso em Foucault deve ser pensado na relação com o não-discursivo. Para prosseguirmos o debate, é preciso reforçar que a lingüística, enquanto ciência da linguagem, mesmo tendo evidenciado uma centralidade da linguagem para o social, o fez de forma abstrata e assumiu o risco de considerar que há regras acima do sujeito e das condições históricas e culturais, ocupando-se da *langue* como uma estrutura que funciona com regras internas próprias, em detrimento da *parole*, ou seja, opondo-se à linguagem como ação, como prática discursiva. Nessa visada, a análise da linguagem na perspectiva saussuriana veio ocupar-se somente dos fatos sincrônicos da língua, julgados como sendo atuais, efetivos e convencionalmente constituídos por um corpo social. De tal modo, os fatos diacrônicos, que são históricos e temporais, foram considerados por Saussure como obstáculos epistemológicos para o lingüista.

Esse é o entendimento de Ducrot (1981), para quem as contribuições saussurianas para o estruturalismo lingüístico foram inúmeras, na constituição de um objeto e de um método próprios que tornaram possível uma ciência da linguagem. Devemos reconhecer que por meio de Saussure é que podemos teorizar a língua como um sistema estruturante do social, a partir de que podemos combinar signos, codificá-los e decodificá-los. Contudo, como o próprio Ducrot (1981) trata de dizer, o estruturalismo saído de Saussure encontrou certo número de dificuldades, sendo a principal, a que diz respeito aos limites do método estruturalista em relação aos problemas de significação, da produção de sentidos. Desta maneira arriscamos dizer que de uma relação do signo com os efeitos de sentido em Saussure, podemos visualizar apenas a primazia do significante em relação ao significado.

Por isso é preciso ver para além da própria virada lingüística, como sugere também Araújo (2004), pois vamos localizar Foucault mais de perto numa outra visada, a pragmática. Tradicionalmente, reconhece-se no chamado Wittgenstein II esse impulso inicial para tratar da

linguagem como prática social, como jogos de linguagem, como língua em uso, a partir dos sujeitos que assumem uma posição e produzem sentidos no mundo. Araújo (2004), em sua obra *Do signo ao discurso*, indica que é preciso pensar esta visada pragmática no interior dos estudos sobre a linguagem, e entender os seus desdobramentos tanto para a lingüística como para a filosofia da linguagem.

Sem os signos, sem a simbolização, sem os atos de fala, teríamos que viver a “brutalidade” natural das coisas, suportá-la, responder mecanicamente a seus estímulos. Livres da noção de que a linguagem apenas traduz os pensamentos, sabemos que sem a linguagem não há pensamento. Livres de uma suposta mente interna, pessoal e intransferível, temos a linguagem pública, compartilhada, o comportamento exteriorizado. Livres das amarras da lógica, temos os diversos usos lingüísticos. Livres de uma competência geradora das e somente daquelas frases consideradas como fruto da língua, portanto, gramaticais, abre-se o campo das múltiplas e variadas formas lingüísticas, adequadas ao uso, à interpretação, aos modelos aplicáveis à situação (ARAÚJO, 2004, p.199).

O importante de tudo isso, segundo essa autora é entender que faltaria algo ao próprio pragmatismo lingüístico: a dimensão discursiva, própria aos enunciados discursivos, tal como elabora Foucault (2007b), em sua *Arqueologia do saber*. Diante disso, o primeiro ponto para se analisar o discurso numa perspectiva foucaultiana é reconhecer o nível extralingüístico de funcionamento dos os enunciados discursivos.

Portanto, reconhecer ao nível arqueológico os deslocamentos que assumiram os estudos em linguagem até a dinâmica transdisciplinar assumida por algumas frentes de pesquisa em lingüística aplicada é fundamental para compreender outra primazia: a do significado em relação ao significante trazida pelo estudo do discurso.

A problemática do discurso em Foucault

A questão do discurso em Foucault encontra-se por ele discutida principalmente em obras como *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*, *A ordem do discurso* e *A vontade de saber*, primeiro volume da história da sexualidade. Apesar disso, analisar discursos a partir do referencial foucaultiano exige estender a essas obras as problemáticas do sujeito e da construção social de verdades que perfaz todo o pensamento foucaultiano. Tal visada permite situar a problemática dos discursos tanto nos estudos arqueológicos, quando o pensador francês criticou a

produção discursiva de saberes em torno do homem na episteme moderna, como dá a perspectiva de compreender as práticas discursivas a partir dos estudos genealógicos do poder e da ética. É este referencial teórico e metodológico, disposto em um eixo saber-poder-ética, aquilo que torna seminal o pensamento de Foucault para ajudar a refletir sobre os modos de subjetivação e pensar a construção social das identidades.

Em termos teóricos e metodológicos, os ganhos são muitos e a contribuição de Foucault para a pesquisa em lingüística aplicada via teorização do discurso impacta consideravelmente para criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que o fato discursivo seja importante. Pensando, então, na pesquisa em LA, estender a questão do discurso como fio condutor por toda a perspectiva teórica e metodológica foucaultiana é um convite bastante sedutor para dessencializar as noções de linguagem e sujeito com que operam qualquer pesquisa na área das ciências sociais e humanas.

A relação entre linguagem e práticas sociais pode ser melhor compreendida pelo lingüista aplicado se este mobilizar – a partir do referencial de Foucault, conceitos como os de discurso, enunciado, prática discursiva, formação discursiva, interdiscurso, acontecimento discursivo e arquivo. Mas, esses conceitos que aparecem mais nitidamente nos primeiros livros de Foucault sem dúvida podem se ampliados por meio das reflexões sobre o poder, o biopoder, a normalização do corpo e da sexualidade e, evidentemente, o modo como o pensador francês pensa o modo como o sujeito pode vir a se constituir enquanto sujeito de si mesmo, pelas práticas de si. A discussão sobre o discurso em Foucault toma por necessária a relação do lingüístico com o não-discursivo, o que implica nessa visada como um todo sobre a obra do autor. Se nas primeiras obras o discursivo foi a dimensão mais explorada, a partir de textos como a *Ordem do discurso*, vemos Foucault (1999) falar nas práticas não-discursivas, ou seja, institucionais e políticas que pesam sobre a materialidade discursiva e o modo como ordens de discurso como a midiática e a escolar atuam sobre o sujeito.

O discurso como prática e acontecimento em Foucault

Ao situar no início do texto o campo da pesquisa em LA, tive o cuidado para apresentar os construtos teóricos e metodológicos (MOITA LOPES, 2006, CELANI, 1998, SIGNORINI, 1998) a partir dos quais o discurso pode ser tomado como objeto de teorizações no campo aplicado dos estudos em linguagem. A partir deste ponto, busco sintetizar, com base numa recente pesquisa bibliográfica, o modo como podemos estudar o discurso a partir das trilhas deixadas pelo pensamento de Foucault.

Nesse sentido, o primeiro ponto a ser lembrado – o percurso feito até agora intencionava mostrar isso, é o de que a noção de discurso em Foucault situa-se exatamente nos limites deixados pela tradição lingüística, iniciada com a virada lingüística. É preciso enfatizar bastante, como o próprio Foucault (2007b) faz na sua arqueologia do saber e compreender o nível das discursividades problematizado por ele, abordagem que é retomada por vários analistas do discurso no Brasil e em outras partes do mundo.

Ao localizarmos Foucault na trajetória dos estudos em linguagem, percebemos que suas contribuições para se pensar a linguagem implica exatamente interrogar a lingüística e seu modelo de cientificidade. Foucault (2007b, 1999) deixa claro em relação ao discurso que a sua complexidade não se reduz a um sistema de códigos, sua materialidade não se esgota ao nível do significante em relação estreita com o significado. Em relação ao fato discursivo, Foucault (2007b) propõe compreender os acontecimentos discursivos que possuem o poder constitutivo de produzir sentidos e relações em nossa sociedade. Trata-se, como aponta a leitura de Gregolin (2006, p.88) do fato de o analista de discursos “tomar um campo imenso de possibilidades, constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (falados e escritos) em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um”. O nível das coisas ditas, em sua própria realidade de coisas ditas que nem a língua e nem o sentido esgotam, deve ser descrito e analisado a partir de um arquivo de uma dada época.

Na área da filosofia da linguagem e da análise do discurso, é possível encontrar bons comentários à teoria do discurso em Foucault. Entre os quais destacamos os livros de Araújo (2004) e Gregolin (2006), que procuram entender o lugar de Foucault nos estudos do discurso a partir do modo como o pensador francês representa uma nova perspectiva para compreender a relação sógnica e percebemos diferentemente a relação entre a língua, a história e o sujeito. A

partir do que comentas as duas autoras, não se trata de buscar nos discursos que nos cercam os sentidos escondidos em algum lugar, revelar num passe de mágica o sentido oculto pela materialidade discursiva. É exatamente este o convite a reflexão de que nos faz Foucault (2007b) em *A arqueologia do saber*, quando indica que não é o próprio da descrição e análise dos discursos simplesmente escavar efeitos de sentido. Antes, e mais do que isso, é preciso buscar inteligibilidades sobre que tipos de saber estão sendo afirmados ou contestados, ou que relações de poder estão sendo deslocadas ou sustentadas por tais discursos. É o poder constitutivo do discurso o que está em jogo interpretar pelo analista do discurso quando esse se interessa pela análise ao nível dos enunciados discursivos.

Foucault não deixa explícito em nenhum momento que sua intenção foi a de fazer análise de discursos. Porém sabemos que muitas tendências em análise discursiva se desdobram a partir de suas contribuições, como é o caso da perspectiva francesa de análise do discurso iniciada na França no início dos anos 60 com Pêcheux e que tem no pensamento de Foucault enormes contribuições. Do ponto de vista assumido neste trabalho, as tendências em análise discursiva são diálogos possíveis na pesquisa na área da lingüística aplicada. Para não perder o objetivo proposto, vou me deter em apresentar do referencial teórico de Foucault as noções ou debates que entendo como sendo mais produtivos para a pesquisa que desenvolvo no meu grupo de estudos, o GEDUERN e no PPGEL da UFRN como dito anteriormente. Tentarei fazer isso sempre na perspectiva da pesquisa em LA de natureza transdisciplinar em que a relação entre a linguagem e o social é o princípio motor da construção e compreensão das questões de nossas pesquisas. Torno mais uma vez explícita a minha comunhão com o posicionamento de Araújo (2004), autora que resgata uma importante consequência da noção de discurso em Foucault para os estudos em linguagem:

A de que falar não é apenas combinar signos numa sintaxe, nem relacionar palavras e coisas, nem um modo de comportamento reproduzido em atos de fala; falar é mais que reproduzir enunciados em situação, comunicar. Foucault introduz uma dimensão em que falar é criar uma situação, é investir a fala como prática entre outras práticas (ARAÚJO, 2004, p. 217).

Chegamos ao ponto exato no qual se pode fazer a referência de que Foucault entende o discurso enquanto prática, situada além da análise formal da língua e das idéias tradicionais de

autor, obra, origem, evolução e história, sujeito empírico e psicologizante. Não é recorrendo a uma individualidade ou a uma genialidade origem do dizer que encontraremos o nível da discursividade – domínio próprio dos enunciados, domínio do efetivamente dito, em sua dispersão de acontecimento. Analisar discursos numa perspectiva foucaultiana é encontrar maneiras de interpretar os enunciados como acontecimentos que possuem uma dimensão de exterioridade e raridade, descontinuidade e atravessamento histórico: é perceber o lingüístico em relação com o não-discursivo, ou seja, com o social, o cultural e o institucional. Como definiu Foucault (2007b), em sua arqueologia dos saberes, os discursos são práticas que obedecem a regras históricas determinadas no tempo e no espaço, regras que definem numa dada época e para uma determinada área social, cultural ou institucional as condições de exercício da função enunciativa. O discurso, portanto, é algo que reinventa a relação signica e o que faz é mais do que representar ou designar, pois o que fazem os enunciados discursivos é efetivamente produzir os objetos de que enunciam.

Para entender o discurso é preciso pensar a relação entre língua e o não-discursivo, o fator extralingüístico, e problematizar os enunciados em sua especificidade espaço-temporal e em sua materialidade específica. Para o analista do discurso, importa saber como um determinado enunciado tenha surgido, em sua singularidade de repetição ou diferença, e nenhum outro em seu lugar (FOUCAULT, 2007b). É preciso apreender os enunciados discursivos a partir dos sistemas de dispersão de uma época, quais objetos são produzidos pelas relações de saber e poder de cada momento histórico. O campo dos acontecimentos discursivos, cuja unidade é o enunciado, deve ser descrito e analisado no modo como forma os objetos discursivos em uma dada formação discursiva.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria” ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2007b, p.43).

É possível compreender agora o modo como Foucault define o discurso ora como um conjunto de enunciados em uma mesma formação discursiva ora como uma prática que obedece a regras anônimas e historicamente específicas.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, [...] é, de parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2007b, p.132-133).

Ponto importante da discussão diz respeito à intrincada relação entre a problemática do discurso e o tema do sujeito em Foucault. Não podemos pensar em práticas discursivas que irrompem como acontecimentos em suas materialidades específicas se não for para problematizar que posições de sujeito ela define, produz e desconstrói. Sabemos que o tema do sujeito perfaz toda a obra de Foucault, de modo que uma definição mais específica só pode ser dada tendo em vista o percurso da pesquisa. De todo modo, a relação entre discurso e sujeito deve ser posta em debate a partir do eixo saber-poder-ética, os três pilares do pensamento foucaultiano. É possível entender, seja qual for o acontecimento discursivo materializado nos diferentes suportes, que em hipótese alguma podemos confundir o sujeito, a subjetividade em Foucault com a idéia de indivíduo empírico, sujeito psicológico e intencional. O sujeito em Foucault é sempre uma construção discursiva na e pela linguagem, uma posição social e cultural historicamente construída tendo em vista as práticas discursivas em que circulamos na contemporaneidade.

A materialidade discursiva

A materialidade discursiva aparece como aquilo que permite ao lingüista aplicado poder analisar discursos. Como indicado, apresento de forma sintética uma possibilidade de análise do acontecimento discursivo midiático que é a tematização do masculino como ocorre em uma das várias publicações destinadas ao público masculino, a revista *Men's Health*. Podemos perceber facilmente que as capas das revistas se fundem em elementos verbais e não verbais, a partir do

qual podemos aventar o modo como um dispositivo midiático busca produzir efeitos de sentido em torno da masculinidade.

Em termos foucaultianos, poderíamos dizer que é a própria masculinidade que está sendo produzida discursivamente, no modo como os enunciados organizam um saber ou como poderíamos dizer, engendram uma pedagogização do corpo e da sexualidade. Não há nada escondido: é o evento discursivo que produz uma relação normatizada do sujeito com sua sexualidade que deve ser explorada, trabalhada, instrumentalizada a partir de uma disciplina e da docilidade do corpo. Afinal, viver melhor é fácil, como afirma a discursividade materializada na capa da revista.



Men's Health edição 36, de abril de 2009

Paquera na academia: 72 idéias de sedução e estilo. Yesss!

Construa o corpo que ela curte. Chegue lá em 6 passos!

Sexo sem pressa: domine o tessão, reforce o prazer.

O jeito fácil de viver mais! Os antioxidantes nota 10, o menu do coração de aço.

Bote nos eixos: seus hormônios, seu pescoço, seu divórcio, seu café-da-manhã.

A dieta do abdome: ganhe um tanque comendo melhor.

4 armas para derrubar o chefe.

O homem é tematizado, urdida de sentidos está a sua masculinidade que aparece como inseparável da sexualidade heteronormativizada, de um corpo exuberante, signo de uma virilidade à contemporânea, com todos os truques e artimanhas de beleza que antes só significavam no mundo feminino, de lá não passavam. A semi-nudez dos modelos passeia pelo suporte analisado como se fosse a verdade a ser conhecida, desejada e alcançada. Os enunciados destacados ao lado funcionam como índices que chamam o leitor para o exercício pedagógico do corpo e da sexualidade, eles inseparáveis da nova virilidade em jogo. É este poder constitutivo do discurso que interessa para muitas frentes de pesquisa em LA, a análise ao nível da discursividade extrapola o nível das estruturas lingüísticas, dos textos, percorre uma vontade de

verdade que é preciso problematizar, refletir sobre, pois produzem efeitos de sentidos que formalizam práticas sociais cotidianas.

É preciso interrogar as práticas midiáticas para compreender que sentidos sobre quem somos na vida social estão sendo maquinados. Que dimensões do sujeito contemporâneo estão sendo tematizadas na mídia e quais estão sendo silenciadas? Por trás desse sexo tagarela convidado incessantemente a falar e desse corpo nota 10, o físico que ela curte, está a verdade mesma sobre o homem e sua masculinidade?



Men's Health edição 38, junho 2009

O guia de corrida perfeito para perder peso sem se matar.

Edição especial vida a dois: 173 truques para ter mais sexo e menos chatice.

Entre em forma sem sair de casa.

Comida para ficar sarado: músculos em tempo recorde!

Aproveite o melhor da padaria, do seu chefe, do seu carro.

Cara MH Dinho Ouro Preto: "Rock combina com vida saudável!"

Cure dores, deprê e estresse com música!

Estilo: as 10 regras do visual nota 10.

A mídia fabula expectativas, tentam repadronizar certos mitos que rondam nossa cultura e cristalizar outros. Entre o dispositivo midiático e sua vontade de verdade, está o sujeito, convidado a assumir certas posições, correr riscos e desafios para não ficar à margem da imagem que a mídia fabrica. O que os enunciados convidam a pensar é no próprio sujeito social e suas práticas, sua experiência subjetiva. Será que para este sujeito, faz sentido viver uma vida cheia de scripts, uma vida a dois em que uma voz cheia de saber e poder vem dizer os truques para uma vida com mais prazer e menos aborrecimento? É preciso estar em forma, tirar o melhor proveito de tudo, maximizar as oportunidades. Quanto às incertezas e dúvidas de ter ou não chances de assumir tal estética dada pela mídia, não importa, podemos curar facilmente nossas angústias com música!

Considerações

A noção de discurso em Foucault é um espaço para que possamos questionar, como sujeitos reflexivos, as várias ordens de discurso em que circulamos e a partir das quais podemos assumir uma posição, um lugar de sujeito, seja para afirmar ou contestar os tipos de saber e as relações de poder que seus discursos produzem.

Categorias analíticas como as de discurso, enunciado, formação discursiva e arquivo, juntamente com as de sujeito, saber e poder que atravessam toda a obra de Foucault e oferecem um arcabouço muito sedutor para problematizar nas diversas ordens de discurso os tipos de saber e as relações de poder que são produzidos e que a nós diz respeito. Assim, difícil não lembrar o modo como Foucault deixa claro que a produção discursiva é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1999, p.08-09).

Mesmo traçando apenas as linhas gerais que poderiam fundamentar uma proposta teórica e metodológica para estudar práticas discursivas a partir de Foucault, ainda vale tocar num ponto fundamental. O argumento foi desenvolvido tendo em vista o campo da pesquisa em LA, e assim, podemos também concluir que acima de tudo, pensar o discurso a partir do referencial de Foucault é estar promovendo diálogos, sobrevoando outras teorias e metodologias que não apenas as dos estudos lingüísticos.

Tais diálogos podem reforçar a constatação de que é preciso evidenciar a centralidade da linguagem para problematizar e interpretar práticas sociais. No momento mesmo em que estamos nos constituindo enquanto sujeitos num mundo de mudanças e redescrições identitárias, o desafio que se coloca ao lingüista aplicado é justamente interrogar as várias ordens de discurso, no intuito de poder refletir sobre quem somos na vida social a partir das práticas discursivas em que atuamos e produzimos sentido no mundo.

Gostaria de concluir remetendo uma vez mais ao pensamento de Foucault, em um texto seu que nos faz pensar a relação entre discurso e subjetividade. Ou melhor, que nos faz pensar o modo como a linguagem atravessa nossas sociabilidades, nossos modos de nos constituirmos

enquanto sujeitos em um mundo repleto de coisas ditas, saturado de textos e imagens, de narrativas midiáticas que dizem quem somos. Para que as nossas pesquisas possam fazer sentido no mundo, ou mesmo para as nossas vidas: “talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos” (FOUCAULT, 1995, p.239).

Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na lingüística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas/SP: Mercado das letras, 1998.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1981.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins fontes, 2007a.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007b.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA.**, vol. 10, n. 2, 1994. p.329-338.

_____. Contextos institucionais em Lingüística Aplicada: novos rumos. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 5, p.3-14, 1996.

_____. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado (introdução). In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma lingüística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

REVISTA **Men's Health**. Abril 2009.

REVISTA **Men's Health**. Junho 2009.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em lingüística aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas/SP: Mercado das letras, 1998.

STAROBINSKI, Jean. Les mots sous les mots – Les anagrammes de Ferdinand de Saussure. Tradução brasileira de Carlos Vogt. In: **Os pensadores**, vol. 49. São Paulo: Abril cultural, 1975.